

Bom de Bico



Por Fabio Schunck

Aves migratórias

que visitam a cidade de São Paulo

O Brasil possui 1.825 espécies de aves, separadas entre residentes, que vivem durante todo o ano em nosso país e migratórias, que visitam o Brasil em alguma época específica, seja durante o verão ou mesmo durante o inverno.

As aves migratórias são representadas por diferentes grupos, como as famílias *Scolapacidae* e *Charadriidae*, conhecidas popularmente como maçaricos e batuíras e representadas por 26 espécies que visitam o Brasil anualmente, vindas do Hemisfério Norte. Estas, entre maio e agosto, se reproduzem no Alasca e Canadá, durante o verão daquela região e entre setembro e abril, durante o rígido inverno, com temperaturas de 40 graus negativos, características das regiões árticas, elas migram para o sul da América do Sul, para regiões mais quentes, propícias para elas descansarem e se alimentarem. Depois de um período longe de casa, entre abril e maio, elas começam a voltar para o norte, para se reproduzir novamente. Os maçaricos e as batuíras evoluíram dessa forma, viajando milhares de quilômetros entre os extremos do continente americano e estão altamente adaptadas a esse estilo de vida.

Essas aves são discretas, possuem um tamanho que varia entre uma rolinha e um quero-quero, de 13 cm a 42 cm, respectivamente. Elas apresentam dois tipos básicos de plumagem: uma de inverno, do período de migração, mais discreta, geralmente cinza e marrom; e outra de verão,

do período de reprodução, mais exuberante, com tons de rufo e amarelo. Enquanto elas estão no Brasil, apresentam a plumagem mais discreta e camuflada, ideal para elas se protegerem de predadores durante o período de migração.

Dentro destas famílias de aves, temos grande variedade na forma dos bicos, pernas, pescoços, asas; caudas e patas algumas longas, outras curtas; umas ficam dentro d'água, outras fora; podem ser tranquilas e inquietas. Todas essas características estão diretamente ligadas ao



Batuíruçu se alimentando na Guarapiranga

hábito e à biologia de cada espécie e são fundamentais para identificação no meio ambiente. Alimentam-se basicamente de invertebrados aquáticos e larvas de insetos, capturados de maneira ágil e eficiente, nos bancos de sedimento (lama) e praias arenosas.

O Brasil possui localização geográfica e condições ambientais estratégicas e privilegiadas para essas aves, que utilizam "rotas" de migração, ou seja, "caminhos" e

"estradas" aéreas para chegar até o local de "parada" e "invernada", onde milhares delas descansam e se alimentam durante um período curto ou por vários meses em todos os anos. Essas rotas estão localizadas ao longo do litoral, passando por regiões como a faixa costeira do Amapá, Pará e Maranhão; pelo interior brasileiro e pelo território da Amazônia, que recebe milhares de maçaricos e batuíras que atravessam todo o Golfo do México, muitas vezes sem escalas, e fazem na América Central a sua primeira parada.

depois vão encontrando parada em alguns rios como o Amazonas e São Francisco, na "Coroa do Avião", localizado no litoral de Pernambuco, no "Mangue Seco" no litoral norte da Bahia, no "Manguezal de Cubatão" no litoral central de São Paulo, e no Parque Nacional da Lagoa do Peixe e na Estação Ecológica do Taim, ambas no litoral do Rio Grande do Sul, essas últimas consideradas como as principais áreas de invernada dessas aves no Brasil e na América do Sul. Aliás, lugares que vale a pena visitar.

A região da Grande São Paulo, que inclui algumas cidades do estado de São Paulo, no Brasil, merece destaque especial nesse cenário, pois está localizada entre as rotas de migração de várias espécies e pode ser considerada como área de parada importante, onde entre agosto e abril de todos os anos, encontram-se



Foto: Fabio Schunck

Maçaricos em voo, Embu

centenas de maçaricos e batuíras. Durante 10 anos de pesquisas, já foram registradas nesta região 17 espécies, das quais seis podem ser consideradas como visitantes mais frequentes. É o caso dos maçaricos-de-perna-amarela (*Tringa* spp, 3 espécies muito semelhantes), do batuíruçu (*Pluvialis dominica*), do maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*), do maçarico-de-colete (*Calidris melanotos*), do maçarico-pintado (*Actitis macularius*) e da batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*). Mesmo com todo o crescimento urbano desorganizado e a degradação causada por esse processo, principalmente nas regiões de mananciais, lugares como a represa do Guarapiranga são fundamentais para a conservação destas aves viajantes, que param todos os anos para descansar para depois seguir viagem.

Estas aves são internacionais e a conservação delas precisa ser feita em todos os países pelos quais passam, senão sua existência estará comprometida. A destruição dos seus habitats (principalmente brejos, várzeas, estuários e mangues); a poluição das águas por esgoto, pesticidas e agrotóxicos e a caça ilegal estão entre as principais ameaças a essas espécies migratórias. O maçarico-esquimó (*Numenius borealis*), que passava pelo estado de São Paulo durante o período de migração, já foi extinta. Os últimos registros desse maçarico na América do Norte foram feitos entre 1987 e 1992, quando sua população era estimada em 50 indivíduos. Desde então não foram mais encontrados. As prováveis causas dessa extinção estão associadas à caça para alimentação, que era liberada nos EUA, e à contaminação das aves por agrotóxicos, que eram utilizados de maneira exagerada e ilegal nas plantações localizadas em sua provável área de invernada, na região dos Pampas, no sul da América do Sul.



Maçarico com as anilhas de marcação

Estudos realizados para acompanhamento de espécies utilizam um instrumento simples, chamado "anilha", pulseirinha de alumínio ou de plástico, produzidos nas mais variadas cores, para facilitar a visualização em campo, que possui uma letra e um número específico. As aves são capturadas com o uso de redes, são anilhadas, ou seja, ganham as pulseirinhas onde são anotadas algumas informações de biologia, entre elas peso e medidas e depois são soltas novamente. Quando uma ave anilhada em uma região é recapturada em outra região, obtemos informações sobre o tempo de vida daquele indivíduo, as rotas migratórias, locais de reprodução, pontos de parada, dentre outras observações fundamentais para conservação de aves migratórias e seus ambientes.

Fique de olho na anilha: No Brasil, temos o CEMAVE - Centro Nacional de Pesquisa para Conservação das Aves Silvestres, uma unidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que é responsável por um programa nacional de marcação de aves na natureza, e que já marcou, através da colaboração de diferentes pesquisadores, cerca de 500 mil aves no Brasil, Antártica e países da América do Sul.

Caso você encontre uma ave anilhada

(mesmo que ela esteja morta), anote o código (letra e números), a data e local de encontro e avise ao CEMAVE (www.icmbio.gov.br/cemave). Você receberá um Certificado de Agradecimento com todas informações sobre a ave que foi encontrada.

Curiosidades: O batuíruçu chega a viajar cerca de 12.000 quilômetros, a uma velocidade de até 90 quilômetros por hora, desde o Ártico até o Sul da América do Sul. Esses voos são realizados em grande parte durante a noite, quando o risco de predação diminui consideravelmente. Os batuíruços costumam chegar na cidade de São Paulo entre outubro e novembro.

O nome maçarico vem da associação do bico dessas aves, que, em algumas espécies, é fino e comprido como o maçarico utilizado em oficinas mecânicas.

Dicas - Investigando com o Professor Maçarico: Compre um binóculo, um guia de região, e comece a observar aves, sejam elas migratórias ou residentes. Faça isso na sua casa ou na sua rua, seu bairro ou sua cidade, onde for possível para você observar.

Na região da Grande São Paulo, onde há grande concentração de maçaricos e batuíras, os melhores lugares para se observar estas aves migratórias são: a represa do Guarapiranga (Parques Praia do Sol, Nove de Julho e Ecológico do Guarapiranga), represa Billings e o Parque Ecológico do Tietê.

Fabio Schunck é biólogo, especializado no estudo das aves (ornitologia). Trabalha com licenciamento ambiental, fotografia de natureza e pesquisas ligadas ao laboratório de ornitologia do Instituto de Biociências e Museu de Zoologia da USP. Contato: fabio_schunck@yahoo.com.br

PROFESSOR MAÇARICO em CAMUFLADO, MAS NEM TANTO...



Ana Cristina de Souza - Hilaros Ed.